

## ENSAIO SOBRE MODOS DE VIDA E SABERES LOCAIS DAS COMUNIDADES DE PESCADORES ARTESANAIS: ESTUDO DE CASO DO DISTRITO DE MACHANGA (MOÇAMBIQUE)

*ESSAY ON MODES OF LIFE AND LOCAL KNOWLEDGE OF ARTISANAL FISHERMEN'S COMMUNITIES OF MACHANGA DISTRICT (MOZAMBIQUE)*

*ENSAYO SOBRE MODOS DE VIDA Y CONOCIMIENTO LOCAL DE LAS COMUNIDADES DE PESCADORES ARTESANALES DEL DISTRITO DE MACHANGA (MOZAMBIQUE)*

WAYA, António

### RESUMO

O presente artigo expõe os modos de vida e saberes locais das comunidades de pescadores artesanais do distrito de Machanga localizado ao sul da província central de Sofala (Moçambique). Os dados empíricos aqui apresentados resultam de uma pesquisa realizada pelos investigadores do *Centro de Estudos de Desenvolvimento Comunitário e Ambiente* (CEDECA), da Universidade Licungo (Moçambique). A pesquisa decorreu em duas fases: a primeira articulou-se em torno do estudo do campo, com recurso a entrevistas semi-estruturadas e a observação direta. Deste estudo, conseguimos observar que as práticas locais continuam carregadas de uma vasta gama de conhecimentos míticos, religiosos e sobrenaturais. A segunda fase consistiu num levantamento bibliográfico da geografia da pesca e da sócio antropologia das sociedades marítimas, que nos ajudou a verificar a universalidade de alguns saberes e práticas locais das populações pescadoras deste distrito. Conjugados os resultados obtidos das duas fases da nossa pesquisa, concluímos que além de ser uma atividade econômica, a pesca produz uma linguagem simbólica que estabelece uma ordem gnosiológica própria através de ritos sociais. O recurso ao paradigma ecológico nos permite compreender os modos de vida e os padrões de comportamento das comunidades dos pescadores como resultado do processo da interação contínua que elas estabelecem com o meio em que estão inseridas.

**Palavras-chave:** Saberes locais. Pesca. Comunidades dos Pescadores artesanais. Etnografia das pescas.

### ABSTRACT

This article presents the modes of life and local knowledge of artisanal fishermen communities of Machanga district located in the south of the central province of Sofala (Mozambique). The empirical data presented here is the result of a research carried out by researchers from *Centro de Estudos de Desenvolvimento Comunitário e Ambiente* (CEDECA), of Licungo University (Mozambique). The research was unfolded in two phases: the first was articulated around the field study, using semi-structured interviews and direct observation. From this study, we were able to observe that local practices are still loaded with a wide range of mythical, religious and supernatural knowledge. The second phase consisted of a bibliographic survey of the geography of fishing and the Socio-anthropology of marine societies, which helped us to verify the universality of some local knowledge and practices of the fishing populations of this district. Combining the results obtained from the two phases of our research, we concluded that in addition to being an economic activity, fishing produces a symbolic language that establishes its own gnosiological order through social rites. The use of the ecological paradigm allows us to understand the ways of life and behaviour patterns of artisanal fishermen communities as a result of the process of continuous interaction that they establish with their environment.

**Keywords:** Local knowledge. Fishing. Artisanal Fishermen's Communities. Ethnography of the fishing.

### RESUMEN

Este artículo presenta los modos de vida y el conocimiento local de las comunidades de pescadores artesanales del distrito de Machanga ubicado al sur de la provincia central de Sofala (Mozambique). Los datos empíricos que se presentan aquí son el resultado de una investigación realizada por investigadores del *Centro de Estudos de Desenvolvimento*

*Comunitário e Ambiente* (CEDECA), de la Universidad Licungo (Mozambique). La investigación se desarrolló en dos fases: la primera se articuló en torno al estudio de campo, mediante entrevistas semiestructuradas y observación directa. A partir de este estudio, pudimos observar que las prácticas locales todavía están cargadas de una amplia gama de conocimientos míticos, religiosos y sobrenaturales. La segunda fase consistió en un relevamiento bibliográfico de la geografía de la pesca y la Socioantropología de las sociedades marinas, que nos ayudó a verificar la universalidad de algunos conocimientos y prácticas locales de las poblaciones pesqueras de este distrito. Combinando los resultados obtenidos en las dos fases de nuestra investigación, concluimos que además de ser una actividad económica, la pesca produce un lenguaje simbólico que establece su propio orden gnosiológico mediante ritos sociales. El uso del paradigma ecológico nos permite comprender las formas de vida y patrones de comportamiento de las comunidades de pescadores artesanales como resultado del proceso de interacción continua que establecen con su entorno..

**Palabras clave:** Conocimiento local. Pesca. Comunidades de pescadores artesanales. Etnografía de la pesca.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objeto os modos de vida e saberes locais das comunidades dos pescadores artesanais do distrito de Machanga (Moçambique). De acordo com os dados do Ministério das Pescas (MP), referentes as realizações do setor (2006-2014), dois terços da população total de Moçambique vivem ao longo da zona costeira e praticam a pesca e atividades a ela ligadas. Esta atividade contribui com cerca de 90% do pescado anual do país. Os estudos científicos das comunidades de pescadores artesanais em Moçambique dão maior enfoque à abordagem do campesinato, isto é, a pesca é analisada como um modo de produção. Entretanto, apesar de ser uma atividade associada ao *economicus*, a pesca artesanal produz uma “variedade e complexidade dos sistemas técnicos, sociais e simbólicos elaborados pelas populações litorâneas no processo de apropriação do espaço marinho...” (GEISTDOERFER, 1991, pp. 447-449).

Nossa intenção neste artigo passa por fazermos uma “descrição densa” dos modos de vida e saberes locais das comunidades dos pescadores artesanais de Machanga, ao estilo de Geertz (2008), onde os intérpretes são os nativos. Mais do que registrar os fatos, procuramos entrecruzar o *economicus* e o cultural, analisando o impacto do meio ambiente na produção dos modos de vida e saberes locais das comunidades em estudo.

## METODOLOGIA

Os dados empíricos que expomos aqui, resultam de uma pesquisa realizada junto às comunidades de pescadores do distrito da Machanga. Esta atividade decorreu em duas fases: a primeira, realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2017, envolveu uma equipe multidisciplinar composta por dois pesquisadores do *Centro de Estudos de Desenvolvimento Comunitário e Ambiente* (CEDECA) e de dois estudantes estagiários do curso de Sociologia da Universidade Licungo. Esta fase articulou-se em torno do estudo do campo, com recurso às entrevistas parcialmente estruturadas e à observação direta. Antes da nossa deslocação àquelas comunidades, estabelecemos uma ponte intelectual através de contatos telefônicos com os Serviços Distritais das Atividades Econômicas (SDAE) e com líderes comunitários de Machanga. Os contatos com os líderes comunitários nos foram facilitados graças a dois estudantes do curso de sociologia da Universidade Licungo. Nos contatos iniciais foram levantadas questões relacionadas com a caracterização dos modos de vida dos pescadores das comunidades de Chiloane, Buene e Posto Administrativo sede do distrito. Conseguimos recolher, através destas “conversas” dados referentes às vivências e contextos socioculturais dos pescadores artesanais em Machanga.

Nossa deslocação ao campo serviu para aferirmos os dados recolhidos nas conversas exploratórias anteriores. Para o efeito recorremos à observação direta e ao uso do “diário etnográfico” (MALINOWSKI, 1978), um importante instrumento onde registamos, desde os primeiros contatos, o que observamos *in loco*.

Segundo Quivy & Campenhoudt (2005, p. 164),

A observação direta é aquela em que o próprio investigador procede diretamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. ...os sujeitos observados não intervêm na produção da informação procurada. Esta é manifesta e recolhida diretamente neles pelo investigador.

Neste processo, "os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação" (GIL, 2008, p. 100). Por que pretendíamos captar os modos de vida das comunidades, a nossa observação deu relevo aos modos de vida dos pescadores das comunidades estudadas, como fenômenos sociais coletivos.

A segunda fase foi da pesquisa bibliográfica que consistiu na revisão sistemática da literatura da Socioantropologia e da Geografia, cuja "finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito" (MARCONI & LAKATOS, 2003, p. 183) sobre a temática em questão. Esta pesquisa nos permite cobrir uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia ser pesquisado diretamente. (GIL, 2008, p. 50)

As informações aqui apresentadas são analisadas com recurso aos olhos dos nativos para evitarmos formular juízos de valor. Com efeito, apenas os "nativos" podem interpretar suas próprias culturas; o que os antropólogos fazem é uma interpretação desta interpretação, (GEERTZ, 1997).

## LOCAL DE PESQUISA

O presente estudo foi realizado na região sul da baía de Sofala, junto às comunidades pesqueiras do distrito de Machanga. O distrito é limitado a Sul pelo rio Save que o separa da província de Inhambane, a Este pelo oceano Índico, a Norte pelos distritos de Chibabava e Búzi e a Oeste pelo distrito de Machaze, província de Manica. A baía de Sofala faz parte do Banco de Sofala, uma vasta e extensa área da costa marítima de Moçambique com uma extensão de 950 km de linha de costa que se estende desde o distrito de Mogincual (província de Nampula) até ao rio Save. Esta região é caracterizada por uma elevada diversidade de ecossistemas atravessados por um grande número de rios. A baía consiste de praias arenosas, florestas de mangais, estuários, extensas zonas húmidas e dunas de areias baixas e paralelas.

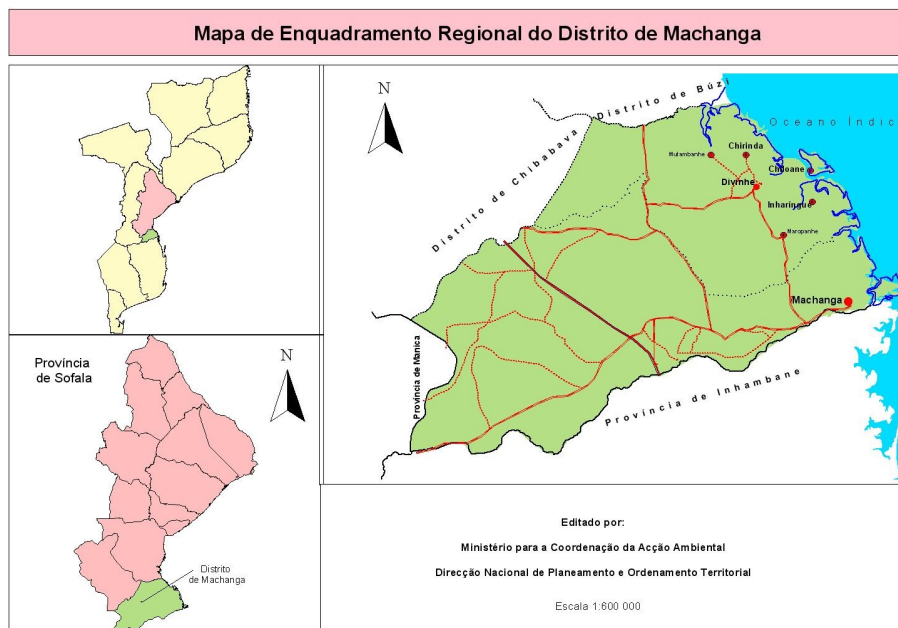


Figura 1: Mapa do enquadramento regional do Distrito de Machanga, mostrando a área de estudo com a localização das comunidades de pescadores de Chiloane, Buene e o Posto Administrativo sede de Machanga, junto ao oceano indico.

## CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS

Segundo o senso pesqueiro de 2007, o distrito da Machanga conta com um total de 1457 pescadores artesanais correspondentes a 2.8% da população total. Destes, 1438 são efetivos e 19 eventuais. Dos 1457 pescadores, 1443 são homens (99.04%) e 14 (0.96%) mulheres, todos pertencentes ao substrato étnico ndau<sup>1</sup>. Das 14 mulheres que exercem a atividade piscatória, 7 (50%) são viúvas; 4 (28.5%) divorciadas e 3 (21.5%) solteiras<sup>2</sup>. Desenvolvem-se, além das atividades piscatórias, a agricultura de subsistência e a extração da sura, uma bebida alcoólica que se obtém da fermentação da seiva da palmeira. A pesca e a extração da sura são na região, atividades essencialmente masculinas, enquanto a agricultura de subsistência é, na sua generalidade, praticada por mulheres. A pesca artesanal continua a ser uma atividade tradicionalmente exercida pelos homens (99.04%) e, mais do que isso, sempre pensada (pelos próprios membros das comunidades pesqueiras) como um domínio essencialmente masculino (CUANGUARA, 2014).

Segundo o Recenseamento Geral da População e Habitação (2017), mais de 53,8% da população total do distrito é feminina, jovem, e de matriz marcadamente rural. A emigração masculina para as zonas urbanas do país e para a vizinha África do Sul, pode estar na origem deste desnivelamento estatístico da população ativa. As ideologias e a organização social concorrem para justificar a dominância masculina na atividade piscatória.

Mais de 40.9% da população total do distrito professa a *Zion Christian Church* (ZCC) e igrejas evangélicas. O ZCC é dominado pelo espiritismo e pelo profetismo de carácter carismático que encoraja, entre os seus praticantes, uma experiência espiritual e prática de atos de cura acompanhados da magia e de adivinhação. A larga difusão destes grupos religiosos permite justificar a presença, nesta região do país, de traços culturais antigos que resistem aos efeitos da modernidade.

Na sua generalidade, as famílias residem em uma vivenda coletiva de planta circular. As construções circulares são, também, o local privilegiado de encontros espirituais. O quarto parental é designado *nyumba yapakati*, por se fixar, em regra, entre os quartos alocados às moças e aos rapazes. Frequentemente, o quarto das moças fica do lado poente (lado esquerdo) enquanto o dos rapazes, do lado nascente (à direita). Ao *Nyumba yapakati* é anexada uma despensa (*Gutu-Gutu*), espaço vital da família. As paredes da moradia são revestidas de lodo-cimento (argila) castanho. A varanda tem neste tipo de habitações três finalidades básicas: 1) proteger o corpo da construção da chuva que destruiria o reboco de argila; 2) tornar a casa mais fresca durante o verão; 3) servir de abrigo seguro em tempos chuvosos para as pessoas se sentarem e conversarem. Uma vivenda tradicional tem, no mínimo, duas portas através das quais se dá acesso ao interior ou ao exterior.



Figura 2: Projeção em 3D de uma moradia tradicional de Machanga

Desenho de Janela Tavares

1. Segundo A. Rita-Ferreira (1982, p. 245-246), o etnónimo ndau foi inventado pelos guerreiros ngunis, seus conquistadores entre 1827 e 1836. "...quando vinham manifestar a sua submissão aos conquistadores, aproximavam-se ajoelhados, batendo suavemente as palmas e murmurando: «Ndau uhi! Ndau uhi!»"

2. Informações fornecidas pelos Serviços Distritais de Atividades Económicas (SEDAE) de Machanga.

Olhando para a disposição das portas na direção *nascente/poente, esquerda/direita*, podemos concluir com Pierre Bourdieu (2012), que estas estruturas da arquitetura tradicional trazem uma forte ideologia patriarcal e representam assimetrias nas relações de dominação e de divisão sexual do trabalho. E mais: a disposição das portas e as suas respetivas normas de acesso enfatizam a rigidez dos lugares de gênero, ou seja, o que é de homem é reservado aos homens e o que é de mulher é próprio e exclusivo para elas (VIEIRA, SIQUEIRA, DI PAOLO, 2014). As relações de gênero nestas comunidades são marcadas por uma abordagem dual. Para Vieira, Siqueira, Di Paolo, (2014, p. 10), citando Salomão e Vidal (2009), "Este tipo de relação entre homens e mulheres centra-se de um lado, em torno do mando e do poder" (*androcracia*), "e de outro da invisibilidade" da mulher.

## BREVE REVISÃO DA LITERATURA

Segundo Diegues (2004, p. 26):

o interesse das ciências sociais pelo mar é relativamente recente. Uma das disciplinas pioneiras nesses estudos é a geografia humana e a história. Alguns trabalhos, como o de Herubel, "A Evolução da Pesca" (1928), o de A. Thomazi, "A História de Pesca" (1947), publicados na França, tratam exclusivamente da pesca numa perspectiva histórica e geográfica.

Desde 1980, a produção científica associada aos domínios da geografia, da sociologia e da etnologia em torno da problemática relativa às comunidades de pescadores artesanais, tem vindo a aumentar. Analisando 71 dissertações e teses defendidas em cursos de pós-graduação, entre 1982 e 2015, sobre as comunidades pesqueiras, De Paula (2018) conclui que a Geografia brasileira evidencia a relação complexa entre o ambiente e território e a emergência de conflitos por territórios. Segundo o autor, as comunidades dos pescadores artesanais são abordadas sob três perspetivas: 1) abordagens do território, 2) perspetivas de espaço e 3) abordagens do ambiente. As abordagens do território se preocupam pelos impactos ambientais dos territórios tradicionais da pesca, pelas disputas no território e pelos conflitos pelo território. As abordagens de espaço buscam identificar o espaço como resultado das relações estabelecidas entre sociedade e natureza, atrelado a reprodução das relações sociais de produção. As abordagens do ambiente não estudam apenas os impactos da sociedade sobre a natureza, mas também os impactos que a natureza exerce sobre os grupos que a usam como fonte de recursos.

As análises dos modos de vida das comunidades dos pescadores (BRACONARO, 2011; RODRIGUES, 2014; SILVA, 2006; SUERTEGARAY, 2016), evidenciam, entre outros aspetos, as ameaças da cultura tradicional dos pescadores face à expansão da modernidade (DA SILVA, 2017; DE PAULA, 2018; TARGINO, 2012).

No domínio da antropologia, as primeiras abordagens sobre a pesca estão associadas à evolução histórica da atividade. Comparando os dados fornecidos pela etnoarqueologia, Morgan e seus seguidores consideram a pesca como uma atividade meramente económica que corresponde à fase média do estágio selvagem que antecederia, nas suas cogitações, à agricultura e à sedentarização. Esta perspetiva diacrónica e comparativa dos evolucionistas foi duramente criticada pelos funcionalistas (MALINOWSKI, 1922; Firth, 1946) que se ajustando à abordagem dual (Natureza/cultura) insistem na função da atividade. A pesca continua, porém, uma unidade de produção e de consumo (FRAXE, 2011). Para estes investigadores, a estrutura social está estritamente ligada às relações económicas concretas que nascem do controle dos recursos e os pescadores artesanais, como quaisquer agentes económicos, buscam a exploração e otimização dos recursos aquáticos. Esta abordagem do campesinato predomina entre os pesquisadores das ciências sociais em Moçambique (JUNOD, 1996; FELICIANO, 1998; NGALE, 2012; CUNGUARA, 2014; RUNGO, in DA SILVA, 2016).

Apesar da antropologia funcionalista ter desenvolvido suas pesquisas entre as populações insulares: os arquipélagos da Nova Guiné Melanésia (MALINOWSKI, 1922), os nativos da Malásia (FIRTH, 1946), de Honduras (BEAUCAGE, 1970), de Chiguana (BRETON, 1974), o estudo destas comunidades ficou, porém,

relegado ao segundo plano, pois o principal foco destes pesquisadores esteve inicialmente centrado na “elaboração de novas metodologias (pesquisa de campo, método funcionalista)”, no sentido de “fazer avançar teoricamente a Antropologia” (DIEGUES, p. 27).

O crescente interesse pelas comunidades de pescadores artesanais como unidades socioculturais marca as últimas décadas do século XX. Esse interesse deu origem à constituição de um campo de estudo especializado das comunidades haliêuticas que vivem na base de recursos aquáticos. Esta subdisciplina recebe a designação de “Antropologia Marítima” (GEISTDOERFER, 1991; DIEGUES, 2004), “etnografia da socioantropologia pesqueira” ou “etnografia dos povos das águas” (TARGINO, 2012),<sup>3</sup> virada para “uma descrição analítica e descritiva de um modo de vida tradicional reelaborado pela dinâmica social”. (TARGINO, 2012)

A revisão sistemática da literatura, (DEUS, 2007; SILVA, 2019), aponta para a emergência, no século XXI, de um “novo paradigma”, aplicado ao estudo das comunidades pesqueiras: o paradigma ecológico (INGOLD, 2000). O recurso a este paradigma, permite compreender os modos de vida e os padrões de comportamento das comunidades dos pescadores como resultado do processo da interação que elas estabelecem com o meio em que estão inseridas.

## O CARÁCTER SIMBÓLICO DAS RELAÇÕES COM O AMBIENTE

Em sua relação com o meio (*Oikos*), as comunidades dos pescadores de Machanga desenvolveram uma linguagem simbólica particular como forma de lidarem com a natureza marinha. Esta linguagem tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica* (BOURDIEU, 2012, p. 10) pura que se expressa através dos ritos sociais resultantes de qualquer outra atividade de carácter coletivo (JUNOD, 1996, p. 54). Este conjunto de atos formais e expressivos que ocorrem sob a forma de invocação aos espíritos dos antepassados (*Mbhambha*) e acompanhados de práticas mágicas rígidas (*Kuphumbha*), revelam a forma de expressão convencional, obrigatória do grupo e expressam os mais profundos valores da comunidade.

Antes de se fazer às águas, que sejam de superfície ou profundas, o homem das redes longas (*nyamadjuya*) consulta um “agente da magia” (*nyamussoro*) para dele adquirir certos amuletos (*ndimo*) que geralmente são colocados entre os chumbos das redes. Estes amuletos, alimentados regularmente do sangue de aves (galinha de penas brancas, vermelhas ou pretas), pensa-se, garantem a segurança e o sucesso durante o exercício das suas atividades. O sacrifício de humanos, atualmente extinta, deu origem ao mito de *nyamadjuya*<sup>4</sup>.

A expressão mágico-religiosa se estende até ao gesto demonstrado com o primeiro pescado de cada espécie (*primícias*) que é devolvido vivo às águas, por alguns pescadores como símbolo de gratidão aos espíritos dos antepassados ou às deidades hídricas. O estrito cumprimento deste ritual garante o sucesso da atividade. Segundo Tempels (2016), é a metafísica e a ontologia bantu que permitem garantir a “fidelidade às concepções mágico-religiosas e ao recurso a práticas tradicionais”.

3. Para uma breve história desta subdisciplina cf. António Carlos Diegues (1999), “A Sócio-Antropologia das comunidades de pescadores Marítimos no Brasil”, in *Etnográfica*, Vol. III (2), 1999, pp. 361-375; António Carlos Diegues, *Ilhas e Mares: Simbolismo e Imaginário* (1998), in <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/Ilhas%20e%20Mares.pdf>, pp. 42-56; António Carlos Diegues, (2004), *A Pesca construindo sociedades: Leituras em Antropologia Marítima e Pesqueira*, São Paulo, Nupaub-usp, disponível em <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/A%20pesca%20construindo%20sociedades.compressed.pdf> Juan Antonio Rubio-Ardenaz, “La Antropología de la Pesca, campo y oportunidades para la investigación antropológica: perspectivas desde el formalismo”, in *Zainak*, Vol. 25, 2003, pp. 237-257.

4. Os *nyamadjuya* são associados, na baía de Sofala, a raptos e desaparecimento misteriosos de humanos, junto das praias dos pescadores ou aos arredores.

Dito de outra forma, as comunidades pesqueiras em estudo, apesar da expansão da modernidade, ainda conservam uma concepção mágico-religiosa da natureza. É usual entre os pescadores pensar-se que, *as ações humanas* têm efeito direto sobre o comportamento dos animais e da natureza. Por exemplo, se homens e mulheres guardam *estrita disciplina (continência)* sobre si próprios, os peixes não serão tão selvagens e os pescadores terão maior êxito em seu empreendimento (JUNOD, 1996, p.84); uma “temperatura” quente contraída durante o período seja da menstruação, seja do *post coito*, ou do *post partem*, tem efeito direto sobre a atividade. Como escreve Feliciano (1998, p.199), a temperatura quente faz

murchar, secar, apodrecer e esvaziar as plantas, suas flores e frutos, esterilizar, emagrecer, tornar doentes e matar os animais domésticos, alertar e tornar agressivos os animais selvagens e da “água”.

O estado de temperaturas elevadas provocado por relações sexuais é considerado bastante prejudicial à atividade piscatória, por haver nele, como escreve Junod (1996, p.179),

qualquer coisa de selvagem, de feroz, de apaixonado, que segundo a lei da concordância, que é a base da magia bantu, tem influência sobre as forças hostis. Estas serão estimuladas, tornar-se-ão mais difíceis de vencer – sejam os inimigos durante a batalha, os animais selvagens durante a caça ou pesca, a doença, o período da contaminação, quando duma morte ou durante os períodos de margem. A vida é acelerada pelo ato sexual e esta aceleração é comunicada a toda a natureza.

Para garantir o sucesso da atividade, os pescadores que estiverem em tal estado são isolados e aconselhados a abster-se da atividade. A abstinência sexual além de contribuir para o equilíbrio demográfico, contribui também para o equilíbrio do ecossistema marinho.

## INTERPRETANDO OS PRESSÁGIOS

O conhecimento empírico do meio (*Oikos*) e de recursos naturais caracteriza o modo de vida das comunidades de pescadores artesanais em Machanga. Este conhecimento é transmitido empiricamente através da socialização primária e da apropriação dos elementos da natureza, presentes em todo o tecido social. Este conhecimento inclui apropriação de um conjunto de práticas cognitivas e culturais, habilidades práticas e saber-fazer transmitidas oralmente e pela observação dos mestres nessas comunidades. Estas práticas cognitivas incluem também “todo o tipo de saberes, atitudes e valores resultantes da confrontação que os sujeitos de qualquer comunidade cultural criam como resposta à sua exposição ao conhecimento importado” (CASTIANO, 2013, p. 12). Decorrente da vivência com o território explorado, os pescadores criam conceitos e imagens sobre o ambiente aquático. Nesse sentido, o saber local reúne a reprodução desse modo de vida e as relações simbólicas que os pescadores estabelecem com esse espaço (*Oikos*). Chamá-riamos esse conhecimento de “saber local” (Geertz).

Adquirido esse conjunto de práticas cognitivas e culturais, é espectável que qualquer pescador esteja atento ao meio ambiente (*Oikos*) que o rodeia como um empírico observador dos sinais provenientes da natureza; é espectável igualmente que apreenda, desde cedo, o significado do comportamento da natureza. Por exemplo: quando vir o peixe-agulha em frente da embarcação se deslocando na mesma direção dos pescadores, é, para eles, um prenúncio de uma boa viagem e prosperidade; caso esteja em direção oposta, haverá obstáculos; os gestos humanos de uma espécie de macacos cinzentos que cruzarem eventualmente o caminho do pescador (rindo, marchando em posição ereta, penteando o cabelo, etc.), são percebidos como indicadores da prosperidade. A natureza comunica algo que deve ser interpretado. Estes presságios devem ser considerados com serenidade pelos pescadores. Um eventual desprezo tem efeitos drásticos diretos na produção e na vida pessoal do pescador.

Estas micronarrativas, longe de constituírem “realidade ilusória”, “especulação”, “considerandos metafísicos” (CASTIANO, 2013), ou “mitos”, representam, na “experiência-próxima” (GEERTZ, 1997), expressões do pensamento da “temporalidade cíclica” própria dos povos ágrafos (ELIADES, apud DÉSVEAUX, 1988) ou “a dedução lógica da sua percepção das coisas” (TEMPELS, 2013); elas dão um significado à vida; articulam a relação homem-natureza e garantem a ordem social na comunidade.

As mudanças de condições climáticas condicionam sua interpretação do tempo, dos ventos e do meio marinho. À semelhança dos Nuer, a contagem do tempo dos pescadores artesanais de Machanga é “totalmente determinada pelo movimento dos corpos celestes” (EVANS-PRITCHARD, 1974, p. 114-115). O tempo é controlado através da observação empírica do comportamento dos astros. Suas atividades são programadas em função das fases lunares que exercem influências diretas sobre as águas e sobre o comportamento dos peixes. Em outras palavras,

A lua fornece-lhes informações vitais sobre onde, quando, como e para o que pescar. As suas fases predizem com precisão não só o momento e a altura aproximada das marés, a força e direção das correntes das marés, o brilho da noite, e a acessibilidade de diferentes zonas de pesca, mas também os locais, comportamento, e vulnerabilidade à captura de muitas espécies de peixe. (JOHANNES, 1981, p. 32)

Além do controle dos astros, os pescadores sabem que, quando sopra o vento sul “vai fazer calor” e anuncia uma maré baixa ou morta é consequente “bom tempo” para a prática de atividades piscatórias, enquanto o vento norte anuncia a maré alta ou brava. Assim, as mudanças naturais têm uma significação para as atividades dos pescadores em Machanga. Quem se dá ao mar deve ser capaz de compreender esta ordem cósmica para evitar os naufrágios que só acontecem, na sua ótica, por negligência e/ou desobediência às tradições locais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da nossa pesquisa fica assente que a pesca não é exclusivamente uma atividade econômica; ela é antes de tudo um discurso social, pois ao buscarem satisfazer as suas necessidades básicas (o pescado como fonte de sobrevivência), as comunidades dos pescadores de Machanga desenvolveram uma linguagem simbólica particular como forma de lidarem com a natureza marinha. Esta linguagem tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica* pura que se expressa através dos ritos sociais resultantes de qualquer outra atividade de carácter coletivo. Este conjunto de atos formais e expressivos que ocorrem sob a forma de invocação aos espíritos dos antepassados (*Mbhambha*) e acompanhados de práticas mágicas rígidas (*Kuphumbha*), revelam a forma de expressão convencional, obrigatória do grupo e expressam os mais profundos valores da comunidade.

Apesar da expansão da modernidade, estas comunidades ainda mantêm intensas relações simbólicas com o meio e continuam a conservar uma concepção mágico-religiosa da natureza. Os saberes de que dispõem, apropriados com base exclusiva da tradição oral, impactam seus modos de viver, de ser e de desenvolver sua atividade piscatória. O recurso ao paradigma ecológico nos permitiu compreender que os modos de vida e padrões de comportamento das comunidades dos pescadores resultam do processo da interação contínua que elas estabelecem com o meio em que estão inseridas. As micronarrativas elaboradas da interação natureza/sociedade, dão significado à vida, articulam a relação homem/natureza e garantem a ordem e coesão sociais das comunidades.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**, 11. Edição, (Tradução Maria Helena Kühner), Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.
- BRETON, Y. L'anthropologie sociale et les sociétés de pêcheurs. Réflexions sur la naissance d'un sous-champ disciplinaire. **Anthropologie et Sociétés**, Québec : Département d'anthropologie, Université Laval, 1981. Vol. 5, nr. 1, p. 7-27.
- CASTIANO, José P. **Os Saberes locais na Academia**: condições e possibilidades da sua legitimação, Maputo, Educar/Cemec, 2013.
- CUNGUARA, Elizete António. **Estudo De Determinantes Da Adopção De Tecnologias De Processamento Artesanal De Pescado No Banco De Sofala**. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 2014. 88 páginas. Dissertação de Mestrado em Ciências Agrárias. Disponível em <http://www.repositorio.uem.mz/handle/123456789/312/pdf>



- DE PAULA, Cristiano Quaresma. **Geografia(s) da Pesca Artesanal Brasileira**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2018. 451 Páginas. Tese de Doutorado em Geografia, área de concentração: Ambiente, Ensino, Território. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/178869>
- DIEGUES, António Carlos. A sócio Antropologia das Comunidades de pescadores marítimos no Brasil. In: **Etnográfica**. Lisboa: Centro em Redes de Investigação em Antropologia, 1999. Vol. 3, nr. 2, p. 361-375 Disponível em <http://www.ceas.iscte.pt/docs> Consultado em 17 de abril de 2018, às 15:59.
- DIEGUES, António Carlos. **A Pesca construindo sociedades**: Leituras em Antropologia Marítima e Pesca. São Paulo: Nupaub-usp, 2004. Disponível em <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/A%20pesca%20construindo%20sociedades.compressed.pdf>
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **The Nuer**: A Description of the Modes of Livelihood and Political Institutions of a Nilotic People. New York, Oxford: Oxford University Press, 1974.
- FELICIANO, José Fialho. **Antropologia Económica dos Thonga do sul de Moçambique**, Maputo: INLD, 1989.
- FONSECA, Marília. ALVES, Fátima. MACEDO, Márcio Chagas. AZEITEIRO, Ulisses M. O papel das mulheres na pesca artesanal marinha: estudo de uma comunidade pesqueira no município de Rio das Ostras. In: **Journal of Integrated Coastal Zone Management / Revista de Gestão Costeira Integrada**. 2016. Vol. 16, nr. 2. p. 231-241. Disponível em [http://www.aprh.pt/rgci/pdf/rgci-593\\_Fonseca.pdf](http://www.aprh.pt/rgci/pdf/rgci-593_Fonseca.pdf) DOI: 10.5894/rgci593.
- FRAXE, T. J. P. **Homens anfíbios**: uma etnografia de um campesinato das águas. São Paulo: Annablume; Brasília: CNPq, 2011.
- GEERTZ, Clifford. **O Saber Local**: Novos ensaios em Antropologia Interpretativa, Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- GEISTDOESFER, Alette. Ethnologie d'une Communauté de Pêcheurs. In: BONTE, Pierre e IZARD, Michel. **Dictionnaire de l'Ethnologie et de l'Anthropologie**, Paris : Presses Universitaires de France, 1991. p. 447-449.
- GIL, António Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- IINO, Fátima Satsuki de Araújo. **Pescadores artesanais na Praia da Tesoura, Laguna/Sc**: Reflexões sobre sociabilidades e Apropriações do Espaço, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. 125 Páginas. Programa em Pós-graduação em Antropologia Social. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/177869> consultado em 20 de abril de 2018, às 14:41.
- INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment**: Essays on livelihood, dwelling and skill, London, New York: Routledge, 2000.
- JOHANNES, Robert Early. **Words of the Lagoon Fishing and Marine Lore in the Palau District of Micronesia**. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1981.
- JUNOD, Henri. **Usos e Costumes dos Bantu**. Maputo: Arquivos Históricos de Moçambique, 1996.
- MALDONADO, Simone Carneiro. Eu sou dono desta canoa: Reflexões sobre a antropologia da Pesca. In: **Cadernos Paraibanos de Antropologia**. UFPB: João Pessoa, 1985. p. 43-55.
- MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico**: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARTINS, Mary Lourdes Santana; ALVIM, Ronaldo Gomes. Perspectivas do trabalho feminino na pesca artesanal: particularidades da comunidade Ilha do Beto, Sergipe, Brasil. In: **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.** Belém, 2016. Vol. 11, nr. 2. p. 379-390.
- MARTINS, Maria Cristina. **Partilhando saberes na ilha de Itaoca**: A roda de siri - entre o mundo do trabalho e as memórias de infância. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2005. 263 páginas. Tese de doutorado em Educação. Disponível em [https://azslide.com/partilhando-saberes-na-ilha-de-itaoca-a-roda-de-siri-entre-o-mundo-do-trabalho-e\\_5a5e43aa1723dd16abfo6dac.html](https://azslide.com/partilhando-saberes-na-ilha-de-itaoca-a-roda-de-siri-entre-o-mundo-do-trabalho-e_5a5e43aa1723dd16abfo6dac.html). Acessado em 2017.
- MINISTERIO DA ADMINISTRACAO ESTATAL (ed.). **Perfil do Distrito de Machanga, Província de Sofala**. Maputo, 2005. Disponível em <http://www.govnet.gov.mz>

MORAES, Sérgio Cardoso de. **Saberes da Pesca**: Uma Arqueologia da ciência da Tradição, Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005. 230 páginas. Tese de Doutorado em Educação. Disponível em <http://www.repositorio.ufm.br/jspui/handle/123456789/14128> Consultado em 17 de abril de 2018, às 16:22.

MORGAN, Lewis Henry. **Sociedade Primitiva**. Lisboa, Editorial Presença, 1973.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. Pesca de homem/peixe de mulher (?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil. **Etnográfica**, Lisboa: Centro em Redes de Investigação em Antropologia, 1999. Vol. 3, nr. 2. p. 377-400. Disponível em <http://www.ceas.iscte.pt/docs> Consultado em 17 de Maio de 2018, às 15:59.

NGALE, Arlindo João. **Pesca artesanal**: a sua contribuição no rendimento dos agregados familiares da cidade de Maputo – Estudo de caso das comunidades de pesca de Gwachene e de Marítimo. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane. 2012. 64 páginas. Dissertação de Mestrado em População e Desenvolvimento. Disponível em <http://www.repositorio.uem.mz/handle/123456789/134>

QUIVY, R., CAMPENHOUDT Luc Van. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 2005.

RUBIO-ARDANAZ, Juan Antonio. La antropología de la pesca, campo y oportunidades para la investigación antropológica: perspectivas desde el formalismo, sustantivismo y materialismo. In: **Zainak**. 2003. Vol. 25, p. 237-257. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/29821904\\_La\\_antropologia\\_de\\_la\\_pesca\\_campo\\_y\\_oportunidades\\_para\\_la\\_investigacion\\_antropologica\\_perspectivas\\_desde\\_el\\_formalismo\\_sustantivismo\\_y\\_materialismo](https://www.researchgate.net/publication/29821904_La_antropologia_de_la_pesca_campo_y_oportunidades_para_la_investigacion_antropologica_perspectivas_desde_el_formalismo_sustantivismo_y_materialismo) Consultado em 20-4-2018, às 14:32.

RUNGO, Zacarias Augusto. Descrição etnoecológica dos Pescadores artesanais da baía de Inhambane: Caso do Município de Maxixe. In: Da SILVA, Cátia Antónia e De PAULA, Cristiano Quaresma. **Brasil e Moçambique – Diálogos geográficos sobre a pesca artesanal**. Rio de Janeiro: Ed. Consequência, 2016. p. 185-199.

SILVA, Cátia Antónia da. Modernização, Conflitos Territoriais e Sujeitos Sociais de Culturas Tradicionais: contribuições da Geografia na leitura da produção da totalidade do espaço brasileiro no século XXI, In: SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes; SILVA, Charlei Aparecido Da; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; DE PAULA, Cristiano Quaresma. **Geografia e Conjuntura Brasileira** Rio de Janeiro: Consequência, 2017. p. 249-274.

SILVA, Heroldo Abrantes da. **Elogiemos os pescadores ilustres da Praia de Piatã**: Estudo da Antropologia Visual sobre a pesca artesanal, trabalho e autonomia na cidade. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Tese de doutorado em Antropologia. 2019. 327 páginas. Disponível em <http://repositorio.dfba.br/ri/handle/ri/31280>

SILVA, Lucas António da. Com vento a lagoa vira mar: uma etnoarqueologia da pesca no litoral norte do RS. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas. Belém, 2015. Vol. 10, nr. 2. p. 537-547. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1981-81222015000200016>

TARGINO, Gekebede Dantas. **"Sobre as Águas"**: a Tradição e a Pesca Artesanal em três comunidades da Reserva Extrativista Acaú-PB/Goiana-PE. 2012. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. Tese de doutorado em Sociologia. Área de Concentração: Cultura e Sociabilidade. Disponível em <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9752>, Acessado em setembro de 2020.

TEMPELS, R. P. Placide. **A Filosofia Bantu**. (tradução de Amélia A. Mingas e Zavoni Ntondo). Luanda: Kiwindula, 2016.

VIEIRA, Norma. SIQUEIRA, Deis. PAOLO, Darcy Di. O que é de mulher e o que é de homem: relações de gênero na pesca artesanal Comunidade de Bonifácio, Amazônia Oriental, Brasil. In: **Raízes**: Revista de Ciências Sociais e Econômicas. 2014. Vol. 34, nr. 1, p. 8-23. <https://doi.org/10.37370/raizes.2014.v34.400> consultado a 11 de setembro de 2018 às 14:57.

WOORTMANN, Ellen F. Da complementaridade à dependência: a mulher e o ambiente em comunidades "pesqueiras" do Nordeste, Brasília. **Série Antropológica**. Disponível em <http://dan.unb.br/images/doc/Serie111empdf.pdf> Consultado em 11 de setembro de 2018 às 13:59.

[www.ine.gov.mz/operacoes-estatisticas](http://www.ine.gov.mz/operacoes-estatisticas)